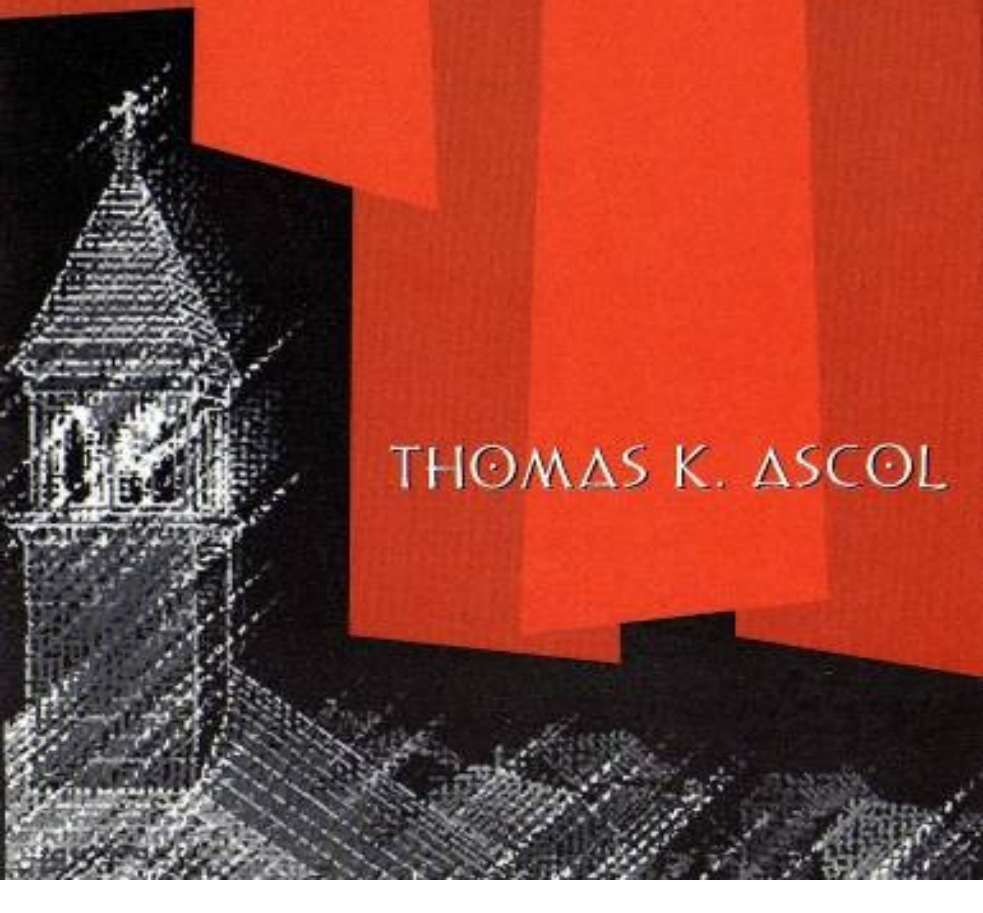
DESAFIO A REFORMA



THOMAS K. ASCOL

Digitalizado e revisado por micscan

LANÇAMENTO
Semeadores da Palavra

www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.
Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

ÍNDICE

Introdução.....3
Reconheça as Oportunidades.....5
Os Parcialmente Ensinados.....6
Os Religiosos Não-convertidos.....7
Os Obviamente Perdidos.....8
Avalie Corretamente a Oposição.....10
Oponentes Pagãos.....11
Oponentes Religiosos.....13

Conclusão.....14

Desafio à Reforma

Thomas K. Ascol

Editora Fiel

Uma porta grande e oportuna para o trabalho
se me abriu; e há muitos adversários.
1 Coríntios 16.8,9

Introdução

Em suas viagens missionárias, o apóstolo Paulo passou mais tempo em Éfeso do que em qualquer outro lugar. Esta cidade tornou-se sede de seu trabalho, na Ásia, durante sua terceira viagem para plantar igrejas. Por três anos trabalhou entre os efésios, ensinando-lhes o evangelho, tanto particular como publicamente (At 20.20,31). Por que o apóstolo ficou tanto tempo naquela cidade?

Teria encontrado um abrigo em Éfeso, um lugar de descanso ou refúgio dos rigores normais do ministério? Prolongou sua estada ali por ser o trabalho mais fácil e menos estressante do que em outras cidades?

Paulo responde estas perguntas em sua carta, escrita em Éfeso, à igreja de Corinto. Queria retornar à igreja em Corinto e planejava fazê-lo logo que pudesse. "Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecoste", escreveu ele, "porque uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e há muitos adversários" (1 Co 16.8,9). Não foi a tranqüilidade que o manteve em Éfeso, e, sim, o seu comprometimento em ver o evangelho estabelecido naquela cidade.

A avaliação de Paulo, quanto à sua situação, revela uma atitude que precisa ser cultivada por todo pastor contemporâneo que está comprometido com as doutrinas da graça. Poderia ser designada como "uma atitude reformadora", sendo especialmente importante para o homem que está empreendendo um trabalho de reforma bíblica em sua igreja.

A reforma nunca é fácil. Sem uma atitude reformadora como a de Paulo, é virtualmente impossível para um pastor, comprometido com

este tipo de ministério, manter-se firme em seu propósito; a oposição é forte demais, as desilusões são profundas demais e, freqüentemente, o progresso é por demais lento. Em suma, os problemas espirituais, doutrinários e morais que castigam muitas igrejas, em nossos dias, são tão sérios que a tentação é pensar que não vale a pena um esforço em direção à reforma. Mas, como reconheceu Paulo, o motivo que torna um trabalho difícil é o mesmo que o torna necessário.

As razões que Paulo menciona para prolongar sua estada em Éfeso refletem sua mentalidade reformadora. Primeiro, foi-lhe dada uma grande oportunidade. Segundo, sofria a oposição de muitos adversários. Analisando seu raciocínio, descobrimos alguns ingredientes essenciais para o desenvolvimento de uma perspectiva voltada ao trabalho de reforma.

Reconheça as Oportunidades

Paulo era um pregador, um evangelista. Seu alvo era "por todos os modos, salvar alguns... por causa do evangelho" (1 Co 9.22,23). Em Éfeso, encontrou uma porta aberta para realizar seu chamado. Ali havia

pessoas ouvindo a pregação do evangelho ministrada por ele, tanto pública como particularmente (At 20.20). Conseguira uma audiência.

Paulo descobriu que a oportunidade em Éfeso era "grande". Porém, não significava que a tarefa seria fácil. Paulo não poderia simplesmente pendurar uma placa, abrir as portas e ver uma igreja desenvolver-se e crescer. As oportunidades eram de engajar-se em diligente trabalho ministerial. Relembrando seu tempo em Éfeso, Paulo testemunhou: "Por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um" (At 20.31). Quantos pastores, hoje, podem dizer a mesma coisa? Quantos consideram uma oportunidade destas como uma legítima responsabilidade pastoral?

A oportunidade que Paulo julgava grande consistia no privilégio de gastar-se continuamente pela causa do evangelho. Era a oportunidade de chorar pelas almas de homens e mulheres; de pregar e ensinar o evangelho; de anunciar aos efésios "todo o desígnio de Deus" (At 20.27).

O que fez de Éfeso uma tão maravilhosa oportunidade não foi a facilidade do trabalho, ou o clima, ou o nível educacional do povo, ou

o salário e os benefícios. Não! O que a tornou tão atraente para Paulo foi o fato de que Deus o colocou tão providencialmente ali, em meio a tantas pessoas necessitadas. E, como um ministro de Cristo, estava convencido de que no "evangelho da graça de Deus" (At 20.24) tinha a resposta às suas necessidades.

As pessoas a quem Paulo teve oportunidade de ministrar, em Éfeso, podem ser divididas em, pelo menos, três categorias; e ainda hoje encontramos cada uma destas categorias.

Os Parcialmente Ensinados

Chegando a Éfeso, Paulo encontrou doze discípulos que conheciam apenas o "batismo de João" (At 19.1-3). Se estes eram pessoas realmente convertidas ou não, é um assunto que pode ser discutido. Por um lado, a designação de "discípulos" (v.l), feita por Lucas, parece indicar que já eram crentes. Por outro, sua ignorância quanto ao Espírito Santo e a instrução que lhes deu Paulo sugerem que tinham necessidade de conversão (vv.3,4). Seja qual for o caso (e, teologicamente, poderia ser qualquer deles), haviam recebido apenas um ensino parcial sobre Cristo e a salvação. Precisavam de mais instrução. Como

Apolo, necessitavam que lhes fosse exposto "com mais exatidão... o caminho de Deus" (At 18.26). Quando Paulo fez isto, abraçaram a verdade e ajustaram a ela as suas vidas.

Ao invés de sentir-se oprimido ou desanimado pelas dificuldades que estes discípulos apresentavam, Paulo tomou-as como uma oportunidade para ensinar-lhes mais completamente o evangelho de Cristo. Corrigiu o errôneo pensamento deles e acrescentou mais informações aos seus entendimentos, até então incompletos.

Este tipo de ministério é necessário ainda hoje. Em cada igreja há seguidores do Senhor, sinceros e dedicados, que foram parcial ou incorretamente ensinados. Seu conhecimento não é tão amplo quanto sua experiência. Precisam ser firmados na fé. Quando chegam a um conhecimento da verdade, sua perspectiva muda; reconhecem mais da graça maravilhosa de Deus, que os trouxe à salvação.

Os Religiosos Não-convertidos

Outros, que Paulo encontrou em Éfeso, poderiam ser melhor descritos como religiosos não-convertidos. Eram os judeus, a quem Paulo em primeiro lugar pregou o evangelho,

conforme seu costume (At 19.8). Tais como os religiosamente perdidos de qualquer geração, estas pessoas se consideravam seguras por causa de seu comprometimento a certos deveres cerimoniais.

Assemelham-se ao irmão mais velho do filho pródigo, na parábola de Jesus. Estão convencidos de que seu serviço e obras (ou posições e afiliações) merecem a aceitação do Pai (Lc 15.29). E mais, sentem-se ameaçados e acusados por qualquer um que insista ser a salvação totalmente pela graça de Deus.

Paulo não ignorou os religiosos não-convertidos. Viu-os como um grande campo missionário. Afinal, ele mesmo havia sido um deles. Visto que ele próprio fora salvo pela graça, estava convencido de que a graça de Deus poderia alcançá-los também. Portanto, pregava-lhes o evangelho e apresentava-lhes o único caminho de salvação.

Há evidências de que alguns judeus converteram-se e tornaram-se parte da igreja em Éfeso. Mas também há indicação de que "alguns deles se mostravam empedernidos e descrentes". Além disto, falavam "mal do Caminho diante da multidão" (At 19.9). O verdadeiro reformador inevitavelmente encontrará oposições e críticas por parte de

alguns. Paulo não permitiu que isto o afastasse de seu propósito; portanto, também deveríamos permanecer firmes em nossos bons propósitos. Se alguns se recusam a crer e tornam-se críticos quanto ao objetivo e conteúdo da pregação, há outros que a receberão e serão transformados. Por amor aos sinceros, não devemos ser dominados pelos críticos. Como Paulo, devemos estar dispostos a suportar tudo "por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória" (2Tm 2.10).

Os Obviamente Perdidos

Além de pregar aos parcialmente ensinados e aos religiosos não-convertidos, Paulo teve grande oportunidade de ministrar a muitos que não professavam estar em paz com Deus. O apóstolo sentia um profundo amor por aqueles que eram obviamente não-convertidos. A presença de muitos gentios era, em grande parte, a razão de prolongar sua estada em Éfeso.

A correta mentalidade reformadora nunca é destituída de genuína compaixão pelas pessoas espiritualmente perdidas. Não é suficiente orientar os crentes que não

possuem conhecimento completo e enfrentar os hipócritas religiosos. O pastor, que se preocupa com a reforma, deve também ver os campos brancos para a colheita. Precisa cultivar o amor pelos pecadores, que reflete o próprio coração de nosso Senhor.

No ardor da batalha em favor da verdade de Deus, envolvidos na correção de noções equivocadas sobre o evangelho e na exposição do erro da crença falsa, é grande a tentação de perdermos de vista os campos da colheita. O pastor e a igreja comprometidos à reforma completa e bíblica, nunca ficarão satisfeitos ao verem uma obra de santificação entre os crentes desacompanhada de uma obra de regeneração entre os não-crentes.

A verdade humilhadora sobre o evangelismo, mas repleta de esperança, é que um semeia e outro rega, mas somente Deus dá o crescimento. A obra de regeneração está além da habilidade humana.

É uma atividade soberana de Deus. "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (Jo 3.8). O evangelismo, ou seja, levar o evangelho aos não-convertidos, é nossa responsabilidade. O Espírito usa o evangelho para regenerar os

não-crentes. Portanto, em completa dependência do Espírito Soberano, devemos indiscriminadamente semear o evangelho, em nossa comunidade e ao redor do mundo.

Paulo preferiu anunciar o evangelho àqueles que nunca o haviam escutado (Rm 15.20,21). Não permitiu que nada o desviasse do grande privilégio e da responsabilidade de fazer discípulos de todas as nações. O evangelismo nunca deve colocar de lado o trabalho de reforma. Os discípulos, no livro de Atos, nunca o desprezaram; enfrentavam e corrigiam os problemas na igreja, sem deixar de lado seus contínuos esforços evangelísticos. A reforma genuína sempre incluirá uma ênfase sadia no evangelismo.

Avalie Corretamente a Oposição

Um segundo aspecto na atitude reformadora de Paulo era a adequada avaliação de seus oponentes. Pode parecer estranho a alguns que um ministro do evangelho tenha oponentes. Somos, afinal, chamados para viver vidas sem mácula e para almejar uma "consciência pura diante de Deus e dos homens" (At 24.16; 2Co 6.3; Fp 1.10). Porém, até mesmo o ministro que alcance isto em alto grau (e ninguém o atinge

perfeitamente) inevitavelmente encontrará oposição.

Embora não devamos ofender, o evangelho é irreparavelmente ofensivo. Continua sendo uma pedra de tropeço e um escândalo para vários tipos de não-crentes. Não se engane, onde o evangelho bíblico é pregado, ali haverá oposição. Pensar de outro modo, revela não somente uma inocência irrealista, mas também falta de familiaridade com o livro de Atos.

Paulo enfrentou forte oposição a seu ministério. Tinha "muitos adversários". Porém, é certo que não teve prazer em sofrer oposição. Há um tipo de ministro que parece medir sua capacidade pelo número de pessoas que têm raiva dele. Paulo não era assim. Tampouco era como aqueles que interpretam cada oposição como uma falha ou uma razão para fazer as malas e sair da cidade.

Observe o que Paulo disse. Determinou ficar em Éfeso, não *apesar* da presença de muitos adversários, mas *por causa* deles! Julgou a oposição a seu ministério como uma razão para ficar. Nós, volúveis modernos, não tendemos a pensar assim. Pastores são freqüentemente tentados a interpretar a oposição como uma indicação divina de que

seu ministério naquela igreja está terminado. O homem que facilmente se entrega a esta tentação não desenvolveu, ainda, uma atitude reformadora e, inevitavelmente, achará impossível o trabalho de reformar doutrinariamente uma igreja.

Quando consideramos os adversários de Paulo, em Eixo, há dois tipos que são facilmente identificados.

Oponentes Pagãos

Em Éfeso, o evangelho desafiava as falsas religiões existentes e os seus respectivos interesses econômicos. À medida em que as pessoas se convertiam, é óbvio, abandonavam seu falso culto e deixavam de comprar os ídolos feitos à mão, que eram vendidos pelos ourives da cidade. Como a mensagem causava impacto, a raiva era dirigida ao mensageiro.

Demétrio tornou-se um declarado oponente de Paulo, arregimentando seus companheiros ourives contra o apóstolo. Sua acusação revela sua animosidade: "Este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas. Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito,

como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram" (At 19.26,27).

A hostilidade contra Paulo tornou-se tão grande que uma forte confusão se instalou na cidade. Mesmo assim, o apóstolo não foi, por este motivo, compelido a parar seu ministério em Éfeso. Ao contrário, viu-o como uma razão para ficar. Por quê? Era Paulo simplesmente um "cabeça-dura"? Era ele beligerante? Sentia algum tipo de prazer, ao ver pessoas com raiva dele?

Não. A única maneira de entender o sentido da resposta de Paulo é compreender sua mentalidade reformadora. Compreendemos melhor o seu pensamento, considerando seu discurso aos presbíteros efésios, em Mileto. Ao falar das cadeias e tribulações que o aguardavam em Jerusalém, disse: "Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus" (At 20.24).

O que importa é a causa de Deus e sua verdade, no mundo. Se a oportunidade para pregar o evangelho permanece, então o

desprezo e a hostilidade do mundo não-crente, mesmo a mais severa, é razão insuficiente para abandonar o campo.

Oponentes Religiosos

Se a oposição dos não-crentes é difícil de enfrentar, a oposição de pessoas religiosas é ainda mais árdua. Os maiores adversários de Paulo procediam da liderança judaica. Estes, muitas vezes, consideravam-se modelos de virtude. Eram guardiães da tradição e, conseqüentemente, resistiram ao "novo" ensino dos cristãos primitivos (que, na verdade, era o correto entendimento e cumprimento do "antigo" ensino, no Velho Testamento).

Enquanto o mundo mostra-se direto em seu ataque contra o evangelho e seus mensageiros, os opositores religiosos são sempre mais sutis. Demétrio instigou um motim contra Paulo. Os judeus atacaram-no com ciladas cuidadosamente planejadas (At 20.19). Não temos meios de saber com certeza o que estas ciladas produziram, mas basta a sua ocorrência para sugerir uma estratégia dissimulada e objetivos sinistros.

Talvez Paulo tivesse seus opositores religiosos em mente, quando advertiu os

presbíteros de Éfeso a respeito dos "lobos vorazes", que penetrariam na igreja, e dos homens, dentre eles mesmos, que se levantariam e falariam "cousas pervertidas" (At 20.29,30). Suas cartas a Timóteo, que pastoreava a igreja, em Éfeso, indicam preocupação semelhante sobre a oposição dos religiosos (1Tm 1.3-7; 4.1-5,12; 2Tm 2.14-18,23-26; 3.1-13; 4.1-5, etc).

O triste fato é que, desde os dias de Paulo até os nossos, a oposição sutil e prejudicial, contra o evangelho, tem sido sempre planejada por aqueles que se acham religiosos. O seu ódio pela mensagem manifesta-se em desprezo para com o mensageiro. É uma experiência dolorosa e árdua de suportar. Às vezes, pode ser completamente desanimadora. Mas, não é razão para interrompermos o trabalho de reforma completa e bíblica, em uma igreja.

Conclusão

Hoje em dia, quando as igrejas estão em confusão espiritual e doutrinária, o chamado a todo pastor e a cada crente sincero é orar por reforma e trabalhar em favor dela. Fazer isto exige o desenvolvimento de uma nova visão, uma nova perspectiva dos desafios e

oportunidades diante de nós.

Paulo oferece um excelente modelo para seguirmos. Olhava para seu trabalho com uma mentalidade reformadora. Esta mesma atitude é encontrada na vida dos grandes mártires e reformadores, em toda a história da igreja. É resumida e expressa por Martinho Lutero em seu grande hino da Reforma.

Se nos quisessem devorar, demônios não contados,
Não nos podiam assustar, nem somos derrotados.
O grande acusador dos servos do Senhor,
Já condenado está! Vencido cairá
Por uma só palavra.

Sim, que a Palavra ficará, sabemos com certeza,
E nada nos assustará, com Cristo por defesa!
Se temos de perder os filhos, bens, mulher,
Embora a vida vá, por nós Jesus está,
E dar-nos-á seu reino.

"Castelo Forte", Cantor Cristão, 323

Se esperamos ver uma recuperação do evangelho em nossos dias, devemos abraçar a

mensagem deste hino. Precisamos comprometer-nos com tenacidade apostólica à tarefa diante de nós. Mais importante ainda, precisamos comprometer-nos novamente a lembrar de Jesus Cristo, "que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo", para que não nos fatiguemos, desmaiando em nossas almas (Hb 12.3).

Quando pregadores reformados são atacados e criticados pelos carnais em suas congregações, deve ser um sinal de que estão prestando serviço aceitável. Esta afirmativa não significa uma defesa à falta de sabedoria ministerial, mas é um encorajamento à fidelidade do ministro. Um jovem pregador pode culpar-se de tudo, quando os principais homens e mulheres de uma congregação voltam-se contra ele. Pode até mesmo ter parte da culpa. Mas o maior pecado poderá estar naqueles que se levantam contra ele, por ser completamente verdadeira a sua aplicação da Palavra de Deus. Os pecadores

religiosos, quando profundamente atingidos, podem reagir com inacreditável fúria e, então, cuspir fogo, procurando atingir a mão que, no púlpito, empunha a espada.[1]

Maurice Roberts

[1] "Acceptable Service", *Banner of Truth,* Julho, 1989, p. 3